

## Entre a sala de aula e a vida

**Samuel Macedo de Araujo**

Araguaína, Tocantins, Brasil

samuelsnb04@gmail.com

Graduando em Licenciatura em Matemática

Universidade Federal do Norte do Tocantins

Entrei na sala, em uma segunda-feira de manhã, para assistir a uma aula de História da Educação, voltada ao curso de Licenciatura em Matemática. Quando a aula começou, foi apresentado um tema que eu jamais tinha ouvido falar, mas que, de certa forma, sempre esteve presente na minha vida: a etnomatemática. Pelo nome, imaginei algo distante, difícil, talvez até inacessível. Mas, à medida que a professora explicava, comecei a perceber que a matemática não nasce apenas nos livros ou dentro da escola. Ela também vive nas práticas cotidianas, nos gestos simples, nos saberes construídos fora dos espaços formais.

Enquanto ouvia, minha mente caminhava por outros lugares: o plantio, as construções, a cozinha, as medidas feitas “no olho”, os cálculos que não precisam de papel. Percebi, então, que esses saberes não são ausência de matemática — são outras formas de produzi-la, compreendê-la e vivê-la. Durante a aula, surgiu a ideia de que nem todos consideram isso como matemática de verdade. Foi nesse momento que algo me incomodou: quem define o que é, ou não, matemática? Existe apenas uma matemática legítima, aquela ensinada na escola, ou existem muitas matemáticas, construídas por diferentes culturas, histórias e experiências? Foi impossível não lembrar dos meus avós.

Meu avô, mesmo sem saber ler ou escrever, realiza cálculos com precisão impressionante. Na feira, soma valores rapidamente e sabe exatamente quanto gastou. Não pude deixar de lembrar do meu avô, que era pescador e conhecia o rio como ninguém. Eu já trabalhei com ele transportando pessoas para a praia em seu barco e sempre me impressionava a forma como calculava tudo com precisão. Ele sabia o tempo certo para

sair, conhecia a força da correnteza e, muitas vezes, apenas observando o rio dizia: "Hoje não pode", porque entendia que as condições não eram seguras. Quando nossa família ia acampar, era ele quem nos levava. A viagem durava praticamente um dia inteiro, mas ele conhecia cada curva do rio, cada banco de areia e cada pedra escondida sob a água. Sabia exatamente por onde o barco deveria passar para evitar acidentes e previa, pela experiência acumulada ao longo de muitos anos, quando a água estaria mais calma ou mais agitada. Na época, eu enxergava aquilo apenas como experiência de um bom pescador. Hoje, depois de conhecer a etnomatemática, percebo que ali também existiam cálculos, estimativas, noções de distância, tempo, orientação espacial e tomada de decisões fundamentadas em um conhecimento construído pela prática.

Minha avó, com poucos anos de estudo, domina medidas, proporções e técnicas no seu cotidiano, sem jamais recorrer a fórmulas escritas. Sempre que explico algum conteúdo de matemática para ela, fico impressionado com a rapidez com que aprende. Muitas vezes, tenho a sensação de que ela compreende certos conceitos mais rápido do que eu. Seu raciocínio lógico e sua capacidade de resolver problemas são admiráveis! Isso me faz pensar que, se tivesse tido mais oportunidades de estudar, poderia ter ido muito longe. Percebo que a inteligência e a habilidade para aprender matemática nunca lhe faltaram; o que faltou foram as oportunidades que muitas pessoas de sua geração não tiveram.

Esses saberes, muitas vezes invisibilizados, carregam uma lógica própria, construída na prática, na necessidade e na experiência. Não são inferiores — são diferentes. Foi então que compreendi que a etnomatemática não é apenas um conteúdo, mas um convite a atravessar fronteiras: entre escola e vida, entre teoria e prática, entre o saber acadêmico e o saber popular. A etnomatemática é transdisciplinar. Ao refletir sobre essas experiências, também compreendi que a etnomatemática dialoga com diferentes áreas do conhecimento.

No caso do meu avô, por exemplo, a pesca não envolvia apenas cálculos de distância e tempo, mas também conhecimentos sobre a natureza, o comportamento do rio, as fases da lua, o clima e a navegação. Da mesma forma, as vivências da minha avó mostram que aprender matemática está relacionado à linguagem, à memória, à experiência e à cultura.

A matemática não é única, fixa ou universal, como muitas vezes aprendemos, mas plural, viva e profundamente humana. E, certamente, antes mesmo de entrar na sala de aula, nós já estivéssemos aprendendo matemática — só não chamávamos por esse nome.

## Entre a sala de aula e a vida

## Between the classroom and life

## Entre el aula y la vida

### Resumo

A crônica “**Entre a sala de aula e a vida**” narra a descoberta da etnomatemática e a reflexão sobre como a matemática se manifesta nas experiências cotidianas e nos saberes familiares. A partir das lembranças de seu avô pescador e de sua avó, o autor percebe que atividades como navegar, observar o rio, calcular distâncias, medir proporções e resolver problemas do dia a dia envolvem conhecimentos matemáticos construídos pela prática e pela experiência. O texto evidencia que esses saberes não são inferiores aos conhecimentos escolares, mas formas legítimas de compreender e produzir matemática. Assim, a crônica apresenta a etnomatemática como uma perspectiva **transdisciplinar**, ao integrar matemática, cultura, memória, linguagem, natureza e vivências humanas, aproximando escola e vida e valorizando conhecimentos historicamente invisibilizados.

**Palavras-chave:** Etnomatemática. Transdisciplinaridade. Cultura. Saberes populares. Educação Matemática.

### Abstract

The chronicle “**Between the Classroom and Life**” narrates the discovery of ethnomathematics and reflects on how mathematics is manifested in everyday experiences and family knowledge. Through memories of his fisherman grandfather and his grandmother, the author realizes that activities such as navigating, observing the river, calculating distances, measuring proportions, and solving daily problems involve mathematical knowledge built through practice and experience. The text shows that this knowledge is not inferior to school knowledge, but rather a legitimate way of understanding and producing mathematics. Therefore, the chronicle presents ethnomathematics as a **transdisciplinary** perspective by integrating mathematics, culture, memory, language, nature, and human experiences, bringing school and life closer together and valuing historically overlooked forms of knowledge.

**Keywords:** Ethnomathematics. Transdisciplinarity. Culture. Popular knowledge. Mathematics Education.

### Resumen

La crónica “**Entre el aula y la vida**” narra el descubrimiento de la etnomatemática y reflexiona sobre cómo las matemáticas se manifiestan en las experiencias cotidianas y en los saberes familiares. A partir de los recuerdos de su abuelo pescador y de su abuela, el autor percibe que actividades como navegar, observar el río, calcular distancias, medir proporciones y resolver problemas de la vida diaria implican conocimientos matemáticos construidos a través de la práctica y de la experiencia. El texto evidencia que estos saberes no son inferiores a los

conocimientos escolares, sino formas legítimas de comprender y producir matemáticas. Así, la crónica presenta la etnomatemática como una perspectiva **transdisciplinaria**, al integrar matemáticas, cultura, memoria, lenguaje, naturaleza y vivencias humanas, acercando la escuela y la vida y valorizando conocimientos históricamente invisibilizados.

**Palabras clave:** Etnomatemática. Transdisciplinariedad. Cultura. Saberes populares. Educación Matemática.